

A batalha do Donbass: os cenários e a estratégia política do Ocidente

Iniciou-se na última semana a segunda fase da guerra, a chamada batalha do Donbass, cujo destino é altamente incerto do ponto de vista militar. Três cenários se desenham.

Madalena Meyer Resende | Público | 25 de Abril de 2022

A transformação do Presidente Zelenskii de Servidor do Povo a líder incontestado de uma nação unida é a melhor metáfora de como, em dois meses de guerra, a Ucrânia consolidou o estatuto de Estado Europeu, classificando-se para entrar no grupo dos países candidatos à adesão à UE. Graças ao impacto de duras sanções, à ajuda militar do Ocidente à Ucrânia e a uma surpreendente defesa ucraniana, Vladimir Putin enfrenta agora a possibilidade real de uma ofensiva paralisada, de uma “intervenção” interminável ou mesmo, a prazo, de uma derrota total. Isto é um grande feito: tornou-se agora claro que o Ocidente e a Rússia partilham uma fronteira na Ucrânia e que esta fará, pela força das circunstâncias e pela sua bravura na resistência, parte da Europa Ocidental.

Dois meses depois da invasão, Putin admitiu o erro da sua estratégia maximalista e, aparentemente, terá decidido abandonar o cerco a Kiev, deslocando o epicentro das suas forças para as proximidades de Kharkiv e Donbass. Com a retirada para Leste, o Kremlin parece ter reformulado os seus objetivos em baixa, definindo-os agora como a captura de todo o Donbass, a construção de uma ponte terrestre daí até à Crimeia, via Mariupol, e o controlo de Kherson, de forma a assegurar fornecimento de água doce à Crimeia. O tempo dirá se este movimento se estenderá até Odessa, bloqueando todo o acesso ao mar. E se ficará por aí.

Iniciou-se, assim, na última semana, a segunda fase da guerra, a chamada batalha do Donbass, cujo destino é altamente incerto do ponto de vista militar. Três cenários se desenham. O primeiro, e mais verosímil, pela desproporção das forças no terreno, é uma vitória militar da Rússia e a obtenção dos seus objetivos no futuro próximo. O segundo cenário é o de um empate militar, que se traduziria na retirada das forças russas para a fronteira de 2014, mas em que a Rússia manteria intacta a ocupação da Crimeia e o controlo sobre a região do Donbass, que efetivamente detinha antes de 24 de fevereiro. O terceiro, porventura em modo de guerrilha de desgaste do ocupante, no tempo e no espaço, seria uma vitória militar da Ucrânia, que resultaria na recuperação dos territórios perdidos em 2014.

Apesar de se manter em aberto a questão de saber qual o futuro e o resultado dos confrontos militares, o debate entre os Estados Unidos, a UE, a NATO e a Ucrânia sobre a definição dos objetivos políticos nesta guerra está já em curso. Parece claro que o Ocidente irá auxiliar a Ucrânia com meios militares, sanções económicas à Rússia e

esforços diplomáticos para evitar o primeiro cenário, e que, se este se verificar no futuro próximo, a Ucrânia poderá contar com o contínuo apoio para a sua reversão.

Prova disso é a onda de promessas de [fornecimento de armamento pesado à Ucrânia](#) nas últimas semanas, desde veículos de patrulha blindados e mísseis britânicos, aos carros de combate checos, ao sistema antiaéreo S-300 e caças MiG-29 eslovacos, aos porta-aviões blindados e helicópteros americanos, nomeadamente na sequência do [périplo digital de Zelenskii pelos Paramentos](#) dos países aliados, como também ocorreu esta semana [na Assembleia da República](#). Esta via representa, porém, a subida de vários degraus no potencial de escalada da guerra na Ucrânia, usualmente circunscrito a conflito regional, a uma guerra de carácter mais global, assumindo a leitura de Zelenskii de que esta invasão se trata, na verdade, de um ataque aos valores da democracia e da liberdade, ou seja, à mundividência ocidental, e que não ficará contido na Ucrânia.

Em caso do cenário de empate – e como a base de um entendimento para um cessar-fogo, que poderá ser aceitável, tanto pela Rússia, como pela Ucrânia –, o Ocidente deverá estar preparado para apoiar a Ucrânia num futuro de contínuo atrito e previsível instabilidade nas regiões de fronteira e eventuais sucessivas tentativas russas de alargar a sua área de domínio.

Por último, por mais atraente que possa parecer a derrota militar da Rússia e a reconquista do Donbass e da Crimeia, este cenário é, pelo potencial de destabilização interna russa e o perigo de uma escalada do conflito [para o terreno nuclear](#) ou de um *spill-over* para a Europa Central, um objetivo perigoso. A política de contenção, que pautou a estratégia ocidental em relação à Rússia desde o início desta crise, pede cautela na persecução deste cenário.

O encontro da Ucrânia com o seu destino é, tal como a sua história, pautado pela tragédia e pelo compromisso. O sucesso nesta guerra, apesar do terrível preço que tem que pagar, sobretudo humano, não é a glória de uma vitória limpa sobre a Rússia, mas a continuação de um conflito prolongado, com fronteiras instáveis e sem resolução clara.

Para ajudar a Ucrânia a responder à sua indesejável sorte, o Ocidente deverá ter uma estratégia a curto e a médio prazo. A curto prazo, continuar a fornecer à Ucrânia o armamento pesado, as munições e o treino de que necessita para se defender da Rússia. A médio prazo, EUA e Europeus devem assegurar que a militarização do flanco oriental da NATO dissuade a Rússia de escalar o conflito para esta região, ou que tente impedir que os fornecimentos de armamento cheguem à Ucrânia. Por fim, a Europa, em particular a Alemanha, deverá reduzir o mais rapidamente e em maior escala possível as importações de energia da Rússia. Sem isso, a UE estará sempre condicionada, nos seus posicionamentos, face ao ímpeto imperialista russo.

<https://www.publico.pt/2022/04/25/mundo/analise/batalha-donbass-cenarios-estrategia-politica-ocidente-2003702>